

O coronelismo na obra de Jorge Amado Terras do sem fim e Cacau

Cléria Maria Monteiro da Silva
PUCRS

EDIPUCRS – Coleção Memória das Letras

2-GOLIN, Cida.
Memórias de Vida e Criação. 1999, 219 p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 - Porto Alegre – RS/BRASIL
<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>
E-mail edipucrs@pucrs.br
Fone/Fax: (51) 320.3523

O panorama cultural brasileiro, no início do século XX, é privilegiado com a obra eminentemente social, de Jorge Amado. Participante de um cenário de desigualdades sociais, aborda as questões de disputa de terras no sul da Bahia, sua terra natal, destacando as relações desumanas ocasionadas por um sistema que acentua a assimetria entre aqueles que nada têm e aqueles que legitimam a arbitrariedade de seus atos pelo poder econômico e político que exercem. Este trabalho, então, se propõe a destacar, nas obras *Terras do sem fim* e *Cacau* sob que perspectiva se constrói o universo diegético dessas obras, o que de certa forma destaca no período, as nuances sociais que deles emergem.

Terras de sem fim e *Cacau* surgem respectivamente nos anos de 1942 e 1933. A sociedade brasileira, na época, está mergulhada em acontecimentos econômicos que sinalizam profundas modificações sociais frente a uma crise mundial ocasionada pela Revolução Russa de 1917 e pelo crack da Bolsa de Nova York, em 1929. Esses fatos ocasionam o desemprego e desajustes do tipo: queda do preço do café e queima dos estoques do produto no Brasil. Neste período, o Brasil vive a República Velha (ou Primeira República). O governo defende o interesse dos grandes proprietários rurais, satisfazendo esta minoria que detêm a maior parcela de riquezas, deixando ausentes do processo

político e, conseqüentemente, também ausentes do processo econômico, as classes menos favorecidas. O país é governado, então, por uma oligarquia, onde a vontade dos Estados mais ricos e mais fortes prevalecem. Também, o golpe de Estado de Getúlio Vargas que instaurou o populismo ou a República Nova diversificando a economia, não diminui os conflitos entre direita e esquerda, gerados por um governo autoritário que, várias vezes, viu seu poder contestado.

Neste contexto social conturbado, o tema abordado por Jorge Amado em *Terras do sem fim* é a luta pela posse das terras da orla atlântica, no sul da Bahia para a instalação de uma moderna lavoura capitalista. Narra a ação de homens ambiciosos e violentos e documenta as transformações de um mundo selvagem e o conflito gerado pela ganância de aventureiros no auge da exploração do cacau. A desigualdade social passa a ser o tema deste romance, na medida em que esta narrativa mostra o homem hostilizado pelo ambiente, pela terra, pela cidade. O homem devorado pelos problemas que o meio lhe impõe.

De cunho regionalista, essa narrativa constrói-se em torno do conflito entre o coronel Horácio e o coronel Badaró, que lutam pela posse das matas do Sequeiro Grande, com a finalidade de aumentar cada vez mais os limites de suas terras e, conseqüentemente, o limite da ambição e do poder de cada um. Jorge Amado registra, assim, a formação de uma sociedade cuja lei é sempre a do mais forte.

É através da perspectiva dos coronéis que o painel do universo cacaueiro é elaborado pelo autor. São eles que compõem o primeiro plano da obra, na medida em que conduzem os demais personagens, que iludidos pela febre do cacau, sonham com uma vida melhor. Porém, o autor cria uma dicotomia entre as duas famílias. O coronel Badaró é aquele que ao longo do tempo foi conquistando suas terras, acumulando riquezas e estruturando o seu poder através das gerações de núcleo familiar em uma seqüência tão tradicional como se fosse parte da natureza: é assim e sempre assim será. A família nuclear burguesa com relações de afeto fraternal e também de religiosidade é mantida, então, por esta família.

O narrador onisciente, de certa forma, conduz o leitor a simpatizar com a família dos Badarós, ou seja, com aqueles que sem registro de passado começam a vida na disputa de terras e na plantação de cacau, a exemplo do pai de Jorge Amado que veio muito cedo de Sergipe, no início do século e, assim como o coronel Badaró, envolveu-se em lutas, participou delas e viveu da plantação do fruto dourado.

"A terra não era de ninguém, era mata, ele veio para ocupar a mata. A luta era para ver quem ficava com as melhores terras para plantar cacau. Meu pai plantou essa fazenda "Auricídia" - aliás, a saga que está contada em "Terras do sem fim" - e, bastante tempo depois, casou-se com minha mãe, dona Eulália Leal, que também era de uma família de desbravadores de terra."

(AMADO, Jorge. *Literatura Comentada*. Seleção de textos, notas, estudos histórico, crítico e exercícios por: Álvaro Cardoso Gomes. São Paulo: Abril Educação, 1981. p.4.)

Já Horácio não possui uma tradição familiar. Está casado com Ester, uma mulher que não se submete aos modelos tradicionais de esposa de coronel. Não é aquela figura que legitima, com nuances de afetividade e submissão, os desmandos e a violência do marido, na luta pela riqueza e o poder. Ester, ao contrário, moça de melhor formação cultural, não admite a violência e sonha romanticamente com o amor de Virgílio.

Diferente dos Badarós, o coronel Horácio está do lado oposto dos primeiros desbravadores de terras, posseiros naturais. Embora também fosse um deles, está envolvido com aqueles que politicamente exercem o poder e, é através da força política que vence a luta pela posse das terras de Sequeiro Grande.

Ao lado dos coronéis, como um pano de fundo, estão as pessoas chegadas de longe. Badaró e Horácio são os primeiros, os posseiros legítimos, os demais só existem porque os coronéis precisam enriquecer cada vez mais, numa ganância sem limites, numa exploração desumana.

"O cavalo continuou a correr sem cavaleiro, junto com o resto da comitiva. Os homens de Horácio andaram para o ferido e terminaram com ele a facção."

(AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. 28.^o ed. Record: Rio de Janeiro. 1997. p.176.)

Virgílio, o advogado doutor, amante da mulher de Horácio, vive de astúcia e bajulação. Sabe que a lei naquela terra é feita pela voz dos coronéis que têm o mando das terras e o poder do dinheiro. Não sendo um deles e querendo viver bem, Virgílio precisa usar de toda a sua astúcia de advogado e fica ao lado daquele que politicamente é o mais forte. Usa de todas as artimanhas para que a posse das terras de Sequeiro Grande fique com o coronel Horácio. Enquanto Virgílio serve aos interesses do coronel, este faz que ignora o romance entre ele e Ester, porém quando não mais precisa de seu trabalho, manda matá-lo.

O sentido de conveniência marca a relação do coronel Horácio com Virgílio. Se por um lado Virgílio trabalha para o coronel a fim de ficar próximo de Ester e ganhar prestígio, por outro lado o coronel usa-o para legitimar seus interesses. Esta relação parece típica da sociedade capitalista da época, onde a semelhança talvez não seja mera coincidência. O ganho estava acima de qualquer coisa e sobrepunha-se até aos sentimentos mais nobres, inclusive o amor.

Se Horácio tem Virgílio a seu lado, os Badarós têm o negro Damião. Damião é um jagunço, ingênuo o suficiente para não compreender a extensão de seus crimes, jamais pensara em nada. Assim como a família Badaró seguia a seqüência natural da vida o negro Damião também não pensava. Porém, ao esperar o vaqueiro Firmo para matá-lo na floresta, começa a refletir. Embora seja uma reflexão simples e rude, reflete pela primeira vez sobre o sentido de sua vida de jagunço. No momento em que Damião consegue entender o significado de seu gesto, simbolizado pelo ato de matar, erra o tiro e depois enlouquece.

"A mata inteira ri dele, a mata grita aquelas palavras, a mata toda aberta o seu coração, dança na sua cabeça. Na frente dona Teresa, não é ela toda, é só o rosto. Isso é bruxaria, é praga que rogaram no negro. Damião sabe bem o que eles querem. Querem que ele não mate Firmo..."

Prenderam seus braços, não pode matar. Prenderam seu coração, ele tem de matar... A mata se sacode em riso, se sacode em pranto... Ele sentou no chão e chora mansamente como uma criança castigada."

(AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. 28.^o ed. Record: Rio de Janeiro. 1997. P.74-5)

A desobediência de Damião, a partir de uma reflexão rude, começa a traçar o fim da família Badaró, ou seja, o fim daquela família tradicional que chegava naquelas terras e aposava-se da mata enriquecendo a força do trabalho e de leis próprias. A época, agora, apresenta um novo cenário, pois a posse de terras perpassa pelo poder político representado, então, pelo coronel Horácio. É ele que se fortalece avançando pela mata de Sequeiro Grande, apagando aos poucos a figura daqueles primeiros posseiros desbravadores. No contexto social brasileiro, da época, só tem lugar para aqueles que aliam-se em troca de favores. Se alguns têm o poder econômico, outros têm o poder político e a ajuda mútua vai favorecendo e modificando o panorama nacional.

Também as personagens femininas merecem distinção, a partir da visão dos coronéis. Ester é uma mulher culturalmente bem formada, educada e romântica, conhece música e sonha com um mundo mais civilizado e com um parceiro também mais romântico. Porém, na visão do coronel Horácio, apesar da boa formação que tem, Ester não é completa, pois falta-lhe a determinação e a força para permanecer ao seu lado, além do que, não serve para o sexo.

"Seu corpo magoado das passadas brutalidades de Horácio, seu corpo possuído sempre com a mesma violência, se negando sempre com a mesma repulsa, seu corpo que se havia trancado para o desejo, acostumado a receber o adjetivo - fria - cuspidor por Horácio após a luta de instantes..."

(AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. 28.^a ed. Record: Rio de Janeiro. 1997. p.98)

A simpatia do narrador pela família dos Badarós, o faz apresentar Don'Ana como uma personagem firme e determinada. Don'Ana difere das outras personagens femininas, pois sua visão também é a de um coronel e não imagina que o mundo possa ser diferente. Faz parte da tradição e da cultura cacauzeira, portanto filha do meio em que vive. Casa-se com um aventureiro, um jogador de cartas e falso engenheiro militar, João Magalhães, que se integra à família dos Badarós realçando, pelo caráter fraco que possui, a firmeza e determinação de Don'Ana. Portanto, ela herda não só as terras e o poder, mas será aquela que continuará a tradição.

Já a prostituta Margot é diferente de Ester e Don'Ana, pois permeia o social e o psicológico na vida dos coronéis. Sendo sustentada economicamente por eles, ela também os sustenta socialmente, reforçando o seu poder de mando. Psicologicamente e com a prostituta Margot que extravasam os limites dos sentimentos, sejam eles bons ou ruins, pois as esposas são apenas figuras decorativas e não dão conta de todas as suas necessidades.

Esta visão de mundo em relação a mulher, criada pelo narrador, possibilita dizer que a construção do personagem coronel possui uma abrangência social, econômica, política e psicológica, sendo necessário a criação de três personagens femininas, a fim de delinear o perfil de mulher desejada por eles.

A simbiose coronel-cacau determina o universo diegético de *Terras do sem fim*, revelando que a luta pela posse de terras, no sul da Bahia, não passa de um recorde que exemplifica o panorama social brasileiro da época. A visão dos coronéis,

na ficção de Jorge Amado, está associada a um governo autoritário, a uma política de conveniências que permeia a sociedade no final da década de 30.

Também *Cacau*, que foi publicado em 1933, portanto uma década antes de *Terras do sem fim*, é um romance que aponta para o auge da efervescência política e dos conflitos sociais gerados pela Revolução de 30. Porém, o narrador muda de perspectiva, talvez pela proximidade dos fatos sociais, a narrativa é feita através da visão dos camponeses.

Os pequenos trabalhadores, sem passado e sem futuro, chegam à Bahia, principalmente vindos do nordeste brasileiro, com o sonho de enriquecer. É a febre do cacau, fruto dourado, metáfora de dinheiro e poder. Não possuem uma família nuclear burguesa, ao contrário, formam uma massa homogênea desprovida de direitos, pois submetidas ao poder econômico dos coronéis, trabalham como escravos sem qualquer condição social. É a massa trabalhadora, sem identidade que vive explorada pelo sistema vigente. Neste momento o camponês é a representação da classe trabalhadora operariada brasileira da época, que na atual situação histórica nacional não tem voz, mas que precisa organizar-se e reagir.

A reação em *Cacau* vem através do narrador-personagem que narra a trajetória do trabalhador camponês desde a chegada às fazendas de cacau, o trabalho desumano, a violência, a desigualdade de condição social em relação a vida dos coronéis, até a tomada de consciência de classe, quando então parte para o Rio de Janeiro em busca de uma vida melhor.

"Com a chuva as cobras andavam alvoroçadas, procurando onde se meter. Nós, com as casas alagadas e muito trabalho, ficávamos de mau humor e sentíamos a proximidade de uma tragédia. O sol lutava inutilmente para romper as nuvens. As violas calavam-se e comprávamos, por preços exorbitantes, uns cobertores vagabundos. Os cacauzeiros é que estavam maravilhosos, os cocos de ouro por onde os pingos de água corriam como brilhantes raros. Mas nós nem olhávamos a beleza da paisagem. As calças colavam-se ao corpo, molhadas e grossas de lama.

As mulheres de cabelo comprido bebiam cachaça para matar o frio."

(AMADO, Jorge. *Cacau*. 47.^a ed. Record: Rio de Janeiro. 1987. p.114)

Cacau e Terras do sem fim, embora tenham o mesmo tema, o mesmo tempo e espaço, diferem em relação ao enfoque dado pelo autor, pois se *Terras do sem fim* mostra o panorama nacional brasileiro, o faz através da postura dos coronéis no que se refere a política, a economia e a sociedade. Em contrapartida *Cacau* retrata a vida, o sofrimento e a luta da imensa classe trabalhadora que, oprimida pelo poder político e econômico, usa a força de trabalho que possui apenas para ampliar cada vez mais o capital dos coronéis. O herói que representa a massa trabalhadora não chega a assumir uma postura revolucionária. Os camponês não são organizados e a consciência de classe é superficial.

Vivendo sob forte ditadura, o retrato do Brasil da década de 30 está impresso nos dois romances analisados. Tanto *Terras do sem fim* como *Cacau* apontam para as contradições da época, para os horrores dos privilégios e aderem a idéia de que o país era controlado por uma minoria, voltada para seus próprios interesses.

Estes romances têm o compromisso com a denúncia dos problemas sociais e documentam a vida social brasileira da época em um perspectiva bastante crítica. Este compromisso com a realidade exterior já existia desde o século XIX, com a escola do Realismo, porém, Jorge Amado mostra a realidade exterior como resultado de condições históricas e sociais.

Em síntese, os dois romances expressam uma tendência, isto é, denunciam um momento de crise resultante, em parte, da Primeira Guerra Mundial e da crise econômica que a seguiu. Porém, dizer que estas obras são apenas resultado de um momento histórico é muito pouco, pois estaríamos excluindo a beleza estética dos textos. Na medida em que a linha ficcional de mundo criado pela linguagem clara e objetiva de Jorge Amado é tênue e não raras vezes funde-se com a realidade

rompendo o horizonte de expectativa do leitor, o contexto histórico é apenas um pretexto para o ato da criação.

Referências Bibliográficas:

- AMADO, Jorge. *Cacau*. 47.^a ed. Record: Rio de Janeiro. 1987.
- AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. 28.^a ed. Record: Rio de Janeiro. 1997.
- AMADO, Jorge. *Literatura Comentada*. Seleção de textos, notas, estudos bibliográficos, histórico e crítico e exercícios por Álvaro Cardoso Gomes. Abril Educação: São Paulo. 1981.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. 6.^a ed. Série Princípios: Ática: São Paulo. 1998.
- GOLDMANN, Lucién. *A sociologia do romance*. 3.^a ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro. 1990.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Editorial Prese. Lisboa.